

MORADOR DO MORRO DO BOREL É DONO DE RESTAURANTE COM CARDÁPIO À BASE DE MASSAS

RAI AQUINO

raimundo.aquino@meiahora.com

e ingrediente em ingrediente, Arnaldo Andrade, de 44 anos, virou referência quando o assunto é massa no Morro do Borel. Moral, como é conhecido na comunidade da Tijuca, é dono de um restaurante que lembra até no nome o Spoleto. Mas se no asfalto a rede de fast food de culinária italiana se destaca, na favela da Zona Norte do Rio, o

Borelleto é quem faz sucesso.

"Percebi que, geralmente, em comunidade se vende cachorroquente e hambúrguer e eu queria inovar para trazer um público diferente", conta Arnaldo.

O restaurante hoje é comandado por ele e a esposa, que deixou o trabalho de administradora de condomínio para se juntar ao marido. Os dois têm três funcionários, todos moradores do Borel.

"As pessoas falam muito bem dos produtos e até fico espantado, boquiaberto. Não tenho curso de culinária. É só força de vontade", orgulha-se Arnaldo, dizendo que, literalmente, colocou a mão na massa para aprender as receitas.

Apesar das várias dificuldades de ter um negócio próprio, o empreendedor não desiste do seu sonho. Para ele, o Borelleto é mais do que um restaurante. "Esse projeto é um filho, porque eu faço o que gosto. A turma aqui é muito bacana, um abraçando outro e a gente preza por isso", comemora ele, que tem planos audaciosos para o negócio. "Penso em uma franquia, para que a galera que está com a gente hoje tome conta de uma loja cada um", projeta.

COLUNISTA CONVIDADO



Laura (de blusa branca) é atriz, educadora e fundadora do projeto

Cultura para o Caju voltar ao mapa

Projeto Cria leva arte para jovens do conjunto de favelas da Zona Portuária

Sou Laura Braz, atriz, educadora social e fundadora do Projeto Cria, criado em 2018 no complexo de favelas do Caju, na Zona Portuária do Rio. Em 14 anos de atuação, 10 deles dentro de ONGs e escolas públicas nas periferias, tive a oportunidade de observar de perto a rotina das escolas e o abismo social que existe nas favelas, o que me fez perceber a importância de um trabalho cultural voltado para a educação.

A escola é vista com desinteresse por parte dos alunos, o que não possibilita ao jovem desenvolver as referências que lhe conferem a construção da própria identidade. Com isso, a fomentação cultural se torna um meio para realizar tal tarefa e atuar junto ao processo educacional.

A arte é um instrumento

essencial para a educação e através dela podemos desenvolver conhecimento, ajudar os alunos a terem clareza de raciocínio, equilíbrio emocional e iniciativa de ação. Pontos importantes para gerar impacto direto na margem de escolhas de crianças e adolescentes que vivem em vulnerabilidade social.

E para democratizar a arte no Caju, precisamos ocupar as ruas e praças com apresentações artísticas, para impactar um número muito grande de pessoas que não têm a oportunidade de consumir cultura.

Estamos na Zona Portuária, uma região cheia de possibilidades, com crianças e jovens com muito potencial, que precisa ser desenvolvido para acabar com esse ciclo vicioso e colocar o Caju novamente no mapa.